

1ª SÍNTESE

Como se dá o consumo de mídia pelos professores

INTRODUÇÃO

A Cátedra Maria Aparecida Baccega, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM da ESPM, é dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação. Desde 2019, a Cátedra tem realizado pesquisas com educadores dos ensinos Fundamental e Médio sobre seus hábitos de consumo midiático e como trabalham as mídias com seus alunos. A partir dos dados coletados, são desenvolvidas ações para apoiar a formação de educadores, de forma a contribuir para uma melhor utilização e consumo dos meios.

No sétimo ano desse estudo longitudinal, os grupos focais foram realizados exclusivamente com educadores da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, com apoio da Unidade de Cooperação Técnica e Pesquisa (UCTEC) - EFAPE, visando ampliar as reflexões acerca da educação para a mídia e para o consumo.

Foram realizados três grupos focais após o término do ano letivo de 2025, contabilizando a participação de 11 educadores. A condução dos grupos focais foram alicerçadas em cinco tópicos, a saber:

- 1 | Como se dá o consumo de mídia pelos educadores
- 2 | Uso e produção de mídia na sala de aula
- 3 | Consciência crítica do uso da mídia pelos estudantes
- 4 | Curricularização da Educação Midiática
- 5 | Relação com a Tecnologia e IA

Nesta 1ª síntese, apresentamos as análises realizadas a partir dos relatos dos professores sobre seu próprio consumo de mídia cotidiano.

COMO SE DÁ O CONSUMO DE MÍDIA PELOS PROFESSORES

“

Eu não me vejo sem o uso dos aparelhos e sem o consumo. Eu entro nessa leva de consumir as mídias desde cedo, quando eu acordo, logo antes da escola.

“

Tudo o que viraliza de alguma forma acaba se tornando material. Isso acontece em todas as matérias, mas em redação tudo vira coletânea. A série a que assisto, o filme, o Instagram, o TikTok, o portal de notícias onde busco a informação intencionalmente... tudo isso vira mídia de consumo do professor. Não dá para separar a "pessoa física" da "pessoa jurídica". O consumo continua fazendo parte da minha realidade, mesmo quando não estou na sala de aula.

No primeiro tema dos grupos focais, buscou-se investigar a rotina de consumo midiático dos educadores que participaram da atividade, revelando-se intensa, fragmentada e frequentemente entrelaçada com as necessidades de suas atividades profissionais, começando, para grande parte deles, logo nas primeiras horas da manhã. Um dos professores exemplifica essa imersão matinal ao relatar que seu consumo de mídias inicia assim que acorda, antes mesmo de seguir para a escola. Durante o café da manhã, ele e sua esposa, que também é professora, costumam sondar os acontecimentos da madrugada para se atualizarem. Em sua rotina, o consumo via televisão é marcante, com o aparelho ficando "mais ligada do que desligada", transitando por canais de notícias como Bloomberg, CNN, TV Cultura e Globo. Outro educador compartilha de um hábito semelhante, ligando a televisão imediatamente ao levantar para verificar questões como o trânsito antes de iniciar seu deslocamento diário, dando continuidade ao consumo informacional dentro do carro ao sintonizar em rádios populares.

Por outro lado, para docentes que possuem o uso de celular restrito na escola, a janela de consumo se dá estritamente nos intervalos de trânsito ou horários de descanso. É o caso de uma professora que não possui uma rotina de consumo logo ao acordar, mas aproveita o tempo em que está dirigindo para o trabalho em outra cidade para ouvir podcasts de notícias diárias no celular, acessando redes sociais de forma breve e rápida nos horários de almoço e jantar. Já uma docente, que se encontra temporariamente afastada da sala de aula, descreve uma rotina que começa com uma rápida checagem de mensagens no Instagram e Facebook, passando a se dedicar de forma ininterrupta, a partir das oito da manhã, à leitura em telas por meio de bases acadêmicas. Esse consumo diário não se restringe apenas ao mundo digital; outra participante ressalta que consome mídias analógicas, mantendo a assinatura de revistas e o hábito de ler o jornal impresso, buscando uma leitura com "outra velocidade e outro mecanismo de busca". Um professor de exatas também destaca um cotidiano multiplataforma impulsionado pela convivência com seus filhos menores, consumindo desde televisão até redes sociais como Instagram, Facebook e TikTok, chegando a administrar cinco contas no Instagram por conta de seus negócios paralelos e de interesses familiares.

No que tange à sistemática de busca de informações, os professores navegam por uma dualidade complexa: alguns executam buscas rigorosamente intencionais e guiadas em veículos específicos, enquanto outros refletem sobre o papel que os algoritmos de redes sociais e buscadores exercem na entrega passiva do conteúdo. Uma professora adota um modelo estritamente metódico de busca em fontes oficiais. Diariamente, ela acessa os diários oficiais para capturar atualizações legislativas referentes à educação, buscando "dados precisos" para informar os colegas de sua rede por meio de grupos de WhatsApp, evitando assim que os educadores fiquem reféns do "disse me disse". Outra participante possui um filtro muito estabelecido, focado no consumo acadêmico, recorrendo a repositórios universitários, Google Acadêmico e SciELO. Contudo, a mesma educadora reconhece que a inteligência artificial dos buscadores molda o que ela recebe, afirmando que o Google "traz muitas coisas das suas áreas de pesquisa" a partir de seu histórico de navegação sobre História. Uma docente de redação argumenta que, nos dias de hoje, o consumo de mídia especializado exige que os educadores saibam diferenciar "o que é o meu filtro e o que é o filtro do algoritmo", para que seja possível acessar mídias adequadas ao contexto escolar e ensinar os alunos a fazerem o mesmo. Diante do cenário de hiperinformação e do uso da inteligência artificial, um educador prefere não confiar em apenas um veículo; sua sistemática baseia-se em trafegar tanto por mídias rebuscadas quanto mídias populares, visando identificar fontes fidedignas e desmistificar "cenas de bombardeios que foram criadas por IA". Esse movimento de curadoria consciente também inclui acessar ativamente redes exclusivas dos adolescentes, como o Discord, apenas para "inteirar e entender o que acontece" no ecossistema em que os jovens estão inseridos.

A conexão dos temas consumidos na mídia com as disciplinas ministradas é uma prática unânime entre os educadores, e a intenção principal por trás desse esforço é engajar o aluno, tornar o aprendizado contextualizado e estimular o pensamento

crítico. Uma professora da área de humanidades defende a impossibilidade de abordar sociologia, geografia ou história sem levar os atuais conflitos internacionais para o debate. Sua intenção ao consumir conteúdos multiplataforma é trazer as vivências pessoais dos estudantes para a sala de aula, ensinando-os a ter "interpretação crítica de imagens, vídeos, memes e discursos". Em uma atividade de introdução à arqueologia, por exemplo, ela provocou os alunos questionando: "E se a nossa sociedade deixasse de existir e fôssemos investigá-la historicamente no futuro por meio da arqueologia, e encontrássemos um meme?". Esse debate foi lembrado por outra docente, que associou o relato da colega a uma notícia consumida recentemente sobre um meme no qual uma pessoa "afogou uma estátua no mar" propositalmente para confundir os arqueólogos do futuro, demonstrando a rapidez com que a cultura digital interfere na realidade física.

“

Então, esse consumo de mídias é invariável, porque gosto muito de trazer essa construção da realidade do estudante, da vivência que estamos tendo no presente. Não tem como falarmos de humanidades e de sociedade sem falar de conflitos. Não tem como falarmos de conflitos sem trazer esse debate para os grandes conflitos em nível internacional que temos. Portanto, o consumo de mídias, de uma forma geral, é muito facilitado, muito proximal e, de certa forma, muito exigido para que os nossos estudantes sejam formados de maneira transversal, crítica, participativa, atuante e entendendo o mundo em que se inserem para além daquelas plataformas de redes sociais usadas única e exclusivamente para distração e divertimento.

Na área de linguagens, uma educadora se apropria de conteúdos do Instagram e do TikTok para as aulas de inglês. Sua intenção é quebrar a formalidade excessiva e gerar aproximação, mostrando que a língua estrangeira está presente no dia a dia por meio de influenciadores e de vídeos que tornam o aprendizado "fun", divertido e útil. Até mesmo em disciplinas exatas há conexões intencionais; um docente se utiliza de sua bagagem com mídias para tentar mostrar que "a Matemática e a Física estão em tudo e vão usar até o fim da vida", enquanto uma professora da área técnica relata que os alunos frequentemente perguntam sobre a relação de conflitos internacionais e os impactos no agronegócio. Outro professor realiza esse cruzamento disciplinar a fim de auxiliar seus pares; ele capta dados recentes de política para que seus colegas tenham recursos pedagógicos práticos para a organização de atividades.

Apesar desse movimento generalizado de engajamento tecnológico, há educadores que expõem intenções de resistência e preocupação crítica frente aos veículos digitais. Um dos participantes apresenta uma visão pessimista sobre a excessiva plataformização imposta à educação pelo Estado, argumentando que os estudantes estão sendo tratados como "cobaias dos recursos tecnológicos" em uma era de gamificação. Sua intenção em sala, em contraste com a aceleração da tecnologia

excludente, é a valorização do "artesanato intelectual", resgatando os princípios, os valores e o conteúdo humano. Outra professora também percebe um descompasso alarmante ao tentar integrar mídias à educação. Quando lecionava tecnologia no Ensino Médio usando metodologias de criação de jogos, descobriu que o apelo rápido das mídias superava o interesse autoral, pois os alunos queriam um consumo mais fácil e reclamavam, exigindo "as coisas prontas". Atualmente no ensino fundamental, sua intenção ao consumir o TikTok para buscar canções modernas e levá-las para a sala não é apenas entreter, mas fazer com que as crianças comparem as letras com composições do passado para instigar a discussão das mensagens e da alfabetização, combatendo a ideia incutida nos alunos de que não há necessidade de leitura porque "basta questionar o Google".

Para viabilizar essas múltiplas propostas, os educadores exploram uma rica diversidade de fontes para encontrar e curar o conteúdo midiático voltado aos estudantes e aos processos da escola. A televisão, portais de notícias, jornais impressos, revistas e publicações em diários oficiais formam o arcabouço informacional mais denso. A plataforma de vídeos YouTube figura como uma ferramenta central de curadoria, permitindo aos professores testar vídeos educacionais e substituir conteúdos de acordo com o interesse de cada turma. Ferramentas impulsionadas por inteligência artificial já são usadas, como no caso de um professor que introduz os slides padronizados da secretaria de educação e recortes de vídeos em plataformas digitais generativas para construir apresentações "em forma de mangá, HQs etc.". O consumo de produções em áudio é mediado por aplicativos de música, enquanto as redes sociais hegemônicas entre os jovens funcionam como vastos repositórios para inspirar atividades baseadas na vivência dos alunos.

Por fim, as bibliotecas virtuais e os repositórios científicos completam a gama de veículos acessados. Toda essa estrutura atesta que a rotina contemporânea do educador requer um trabalho ativo e sistêmico, onde a busca constante por informações e o consumo midiático balizam diretamente o planejamento e as metodologias de ensino aplicadas em sala de aula.
